

# cenaempauta

## Cobertura das artes cênicas em Belo Horizonte

[RSS Feed](#) [Twitter](#) [Facebook](#)

Fevereiro 3, 2015

## Contínuo processo de autoinvestigação

### 2 Comentários

*Por Bremmer Guimarães*



(<https://cenaempauta.files.wordpress.com/2015/02/maxilar-viril-2.png>)

Foto: Guto Muiz

Que se permita neste texto uma maldita licença poética para a investigação da crítica teatral e da própria vida. Ao assistir às duas versões do espetáculo **Maxilar Viril** – a primeira em sua temporada de estréia, ano passado, no Teatro Klauss Vianna, e a segunda na recente exibição no Centro Cultural Banco do Brasil, dentro da programação do Verão Arte Contemporânea – fica evidente qual é o principal ato investigativo do teatro que a **Maldita Cia.** se propõe a fazer: trata-se do desenvolvimento e da experimentação contínua de uma dramaturgia do espaço nos trabalhos do grupo.

Se em outras montagens a companhia se permitiu investigar um mercado antigo, um cinema desativado, um bar abandonado e até uma cadeia, dessa vez a ousadia da investigação se encontra no espaço mais convencional para o teatro: o conhecido palco italiano. Um caminho de pesquisa que converge humildemente de vãos mais altos e distantes para vãos cada vez mais internos, às intimidades do fazer teatral.

Naturalmente, a lógica da quarta parede, de um público passivo na platéia e de uma divisória invisível entre espectadores e palco não foi seguida nessa pesquisa. O grupo não retrocedeu em sua investigação, tampouco abriu mão de sua essência, e sim se permitiu a autorreflexão. E se criarmos no teatro tradicional, no palco convencional, como será o nosso trabalho?

Se, no Klaus Vianna, homens e mulheres entravam por locais diferentes da sala de teatro para assistir ao espetáculo, no CCBB eles entram pelo mesmo lugar: os fundos do teatro, e logo se percebem no palco. Primeiro os cavalheiros, depois as damas. Existe uma preocupação da companhia em definir que público é esse que participa da experiência teatral. Ao colocar os espectadores como personagens da cena, dramaturgia e direção justificam suas escolhas para a distribuição do espaço cênico. Se numa montagem convencional não é preciso necessariamente determinar um público, o teatro de ocupação explicita o jogo entre ator, ficção e espectador. Afinal de contas, espectadores precisam ser também atuantes: andam pelos fundos do palco, compõem o cenário, se dividem em grupos.

Em Maxilar Viril, o público é inserido como personagem histórico de uma chacina ocorrida em 1983, no interior do Peru, cuja autoria é atribuída aos guerrilheiros do Sendero Luminoso. Na tragédia, grande parte dos mortos eram mulheres grávidas e crianças. Enquanto na montagem do Klaus Vianna, homens se sentavam no palco e as mulheres na platéia, no CCBB os lugares se invertem e a proposta ganha ainda mais potência. Com a presença do público feminino no palco, o espetáculo nos remete à força da figura materna. É criado um mal-estar no público masculino ao ver aquelas mulheres em cena: vítimas e mães, mais uma vez expostas aos olhares da sociedade. Ainda que não seja essa a pretensão da dramaturgia, a alegoria possibilita uma reflexão sobre o machismo cotidiano e a violência contra a mulher.



<https://cenaempauta.files.wordpress.com/2015/02/maxilar-viril-3.png>

Foto: Guto Muiz

Além da preocupação com o espaço, outro ponto que se destaca nos trabalhos da Maldita Cia. é a dramaturgia sonora. O grupo gosta de fazer barulho, ruído, como já havia demonstrado em **Cara Preta**, seu espetáculo anterior, e dessa vez a sonoplastia cria relações metalingüísticas com a produção das antigas radionovelas. Uma banda toca ao vivo e chapas de metal, vidro e estacas de madeira, ajudam na composição do som, do tempo e do espaço da cena. É como se o espetáculo a que assistimos fosse, na verdade, a gravação de uma novela para a rádio. Contudo, não só ouvimos a rádio como também a vemos. A explicitação visual dos elementos sonoros, bem como dos recursos de iluminação, evidencia a ação cênica.

As experimentações da encenação em nenhum momento comprometem a teatralidade do que se vê. Há um minucioso apuro estético em relação ao figurino, ao cenário e à iluminação da montagem que ajudam na composição da aura teatral, que é diferente do parecer real. E é importante que seja assim. As atuações primam pelo visceral e uma entrega extracotidiana do físico dos atores. Estereótipos de comédia e excessos melodramáticos por vezes reforçam o universo folhetinesco e da cultura latinoamericana em que a peça está inserida, bem como a narrativa épico-dramática mais uma vez nos remete às radionovelas.

São tantos os elementos cênicos e dramáticos em sintonia, que a digestão de cada um deles por cada espectador pode ser lenta, mas de grande absorção. A história do homem lagarto que devorava suas mulheres é uma grande fábula do absurdo, pautada pela violência e pela solidão humana. Absurdo que é presente em nosso dia-a-dia. Excedendo o próprio teatro, a vida cotidiana tem parecido cada vez mais surreal. Nada melhor do que a arte para nos propor essa autorreflexão.



<https://cenaempauta.files.wordpress.com/2015/02/maxilar-viril.png>

Foto: Guto Muiz

About these ads (<http://wordpress.com/about-these-ads/>) ⓘ

**CONSTANCE**



**Sapatilha Off White em Couro**

R\$ 114,99

Comprar

Posted by [cenaempauta](#) in [Críticas](#)

Tagged: [maldita cia](#), [maxilar viril](#), [verão arte](#)

## 2 thoughts on “Contínuo processo de autoinvestigação”

### 1. **Carol diz:**

Fevereiro 4, 2015 às 1:11 pm

Achei fantástico o rio feito de cacos de vidro. Quando você falou na dramaturgia sonora, lembrei do barulho dos cacos quando alguém passava por eles. Parecia realmente um rio de verdade.

### **Responder**

○ **cenaempauta** diz:

Fevereiro 4, 2015 às 6:52 pm

É verdade. Também gostei muito do rio de cacos de vidro!

### **Responder**

[Blog em WordPress.com.](#) | [The Splendio Theme.](#)

⊙ Seguir

## Follow “cenaempauta”

Build a website with WordPress.com